

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Novembro de 2021

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	5
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	9
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	14
METODOLOGIA.....	16

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) permanece em ciclo negativo ao retrair na passagem do mês 1,88%, quarta queda consecutiva. Com esse resultado, o índice renovou o menor patamar da série histórica, iniciada em janeiro de 2010, alcançando 49,5 pontos- este patamar pessimista se mantém nos últimos 19 meses. Nota-se que o movimento de retomada econômica e o avanço da imunização são insuficientes para reverter os níveis de satisfação dos consumidores aos encontrados na pré-crise, assim, todos os componentes do ICF seguem com variação negativa em relação a fevereiro de 2020.

O mês marca a reversão dos consumidores quanto às expectativas futuras, principalmente, devido às incertezas da manutenção do crescimento econômico para 2022. Assim, houve redução das expectativas das famílias de médio e longo prazo, tanto na perspectiva de consumo (-1,68%), quanto na profissional (-6,81%) no comparativo com o mês anterior.

A aceleração e a difusão dos níveis de preços para diversos produtos segue refletindo na condição de consumo atual das famílias, que acelerou as perdas ao cair 19,96% diante do mês anterior e renovou a mínima histórica pelo 14º mês sucessivo. Por isso, 94,3% dos entrevistados afirmam estarem comprando menos que antes.

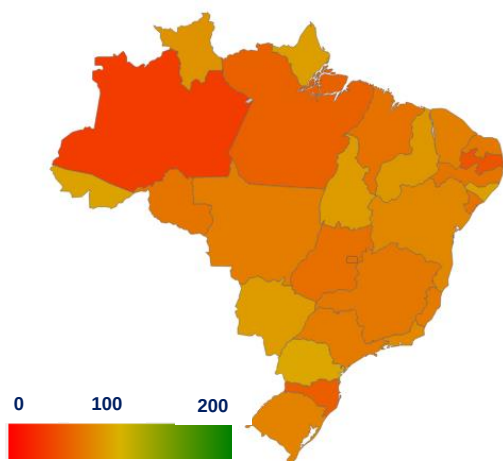
O impacto negativo foi atenuado pelo aquecimento do mercado de trabalho formal que tem reforçado a renda das famílias. Assim, os componentes de renda atual e emprego atual avançaram no mês 3,06% e 0,95%, respectivamente. Por outro lado, nota-se que a melhora no nível de renda pode ser comprometida com a alta dos preços e a consequente redução no poder de compra das famílias.

Intenção de Consumo acelera as perdas e renova mínima histórica

O indicador ficou em 49,5 pontos numa escala de 0 a 200

Santa Catarina							
Indicadores	fev/20	nov/20	out/21	nov/21	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL - Igual período	VARIAÇÃO ANUAL - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	72,5	53,4	53,9	0,95%	-25,66%	-56,3%
Perspectiva Profissional	143,2	67,2	82,8	77,2	-6,81%	14,96%	-46,1%
Renda Atual	121,3	78,1	62,7	64,6	3,06%	-17,29%	-46,8%
Acesso ao Crédito	110,0	61,9	47,1	47,9	1,68%	-22,60%	-56,5%
Nível de Consumo Atual	92,2	39,6	9,2	7,4	-19,96%	-81,42%	-92,0%
Perspectiva de consumo	111,1	57,2	55,1	54,2	-1,68%	-5,36%	-51,2%
Momento para duráveis	83,2	32,0	43,0	41,6	-3,33%	29,84%	-50,0%
ICF	112,1	58,4	50,5	49,5	-1,88%	-15,14%	-55,8%

Índice do ICF por Estado – Nov. 2021



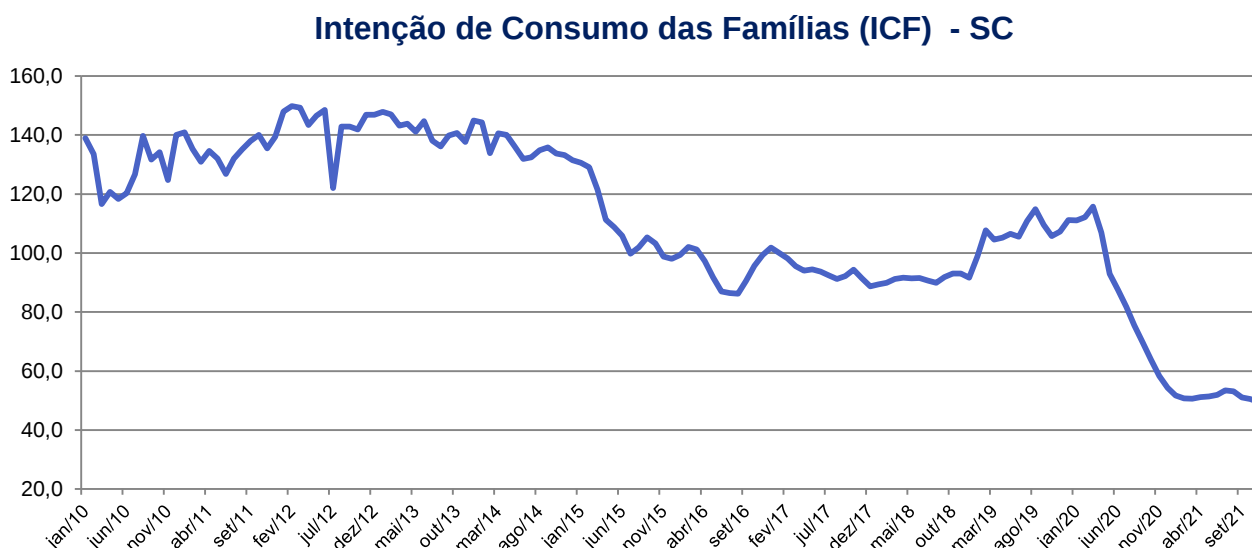
A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) acelerou o movimento de perda ao retrair 1,88% na passagem do mês, após queda de 1,2% no mês anterior. Esse resultado reforça a trajetória negativa que permanece por quatro meses consecutivos, assim, o índice renovou a mínima histórica, série iniciada em janeiro de 2010, ao situar-se em 49,5 pontos.

Essa situação tinha ocorrido em fevereiro de 2021, quando o Estado presenciou o recrudescimento da pandemia e a sobrecarga no sistema de saúde, condição não apresentada em novembro. Portanto, o

resultado mostra as dificuldades ocasionadas pela aceleração dos níveis de preços e do aumento das taxas de juros. Além disso, entra no cenário a possível diminuição da renda das famílias em virtude do fim do auxílio emergencial e das incertezas sobre a ampliação do novo programa de distribuição de renda do Governo Federal.

Nota-se que o cenário dos demais estados é similar a Santa Catarina, pois todos estão situados no nível pessimista, ou seja, em termos absolutos estão abaixo dos 100 pontos. Ainda, a redução no mês atingiu 12 Estados, sendo que SC sofreu a 3º maior queda.

Já no comparativo anual o movimento de queda acontece pelo décimo nono mês seguido na intenção de consumo das famílias catarinenses, queda de 15,1% frente a igual período do ano anterior, deste modo o índice está 55,8% abaixo do patamar pré-crise.



O impacto negativo no mês de novembro foi mitigado em virtude do crescimento dos indicadores de emprego (0,95%) e renda atual (3,06%), condições fortalecidas pela alta na geração formal de postos de trabalho no Estado. O acesso ao crédito para as famílias cresceu 1,68% diante do mês anterior, interrompendo movimento negativo que permanecia desde junho.

Do lado oposto, o Nível de Consumo Atual aprofunda e lidera novamente as perdas pelo sexto mês seguido, ao diminuir 19,96% frente a outubro. Esse é um forte sinal de alerta, pois o movimento de queda não demonstra sinais de estabilização ou redução com média de -12,7% durante o ano de 2021. Dessa forma, o índice renovou a mínima histórica (7,4 pontos) pelo décimo quarto mês consecutivo. Além disso, as incertezas geradas no momento atual, sobretudo, a manutenção do crescimento econômico de 2022, começa a refletir nas percepções de médio e longo prazo das famílias, tanto no âmbito de consumo quanto no profissional, quedas de 1,66% e 6,81% na passagem do mês, respectivamente.

A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina.

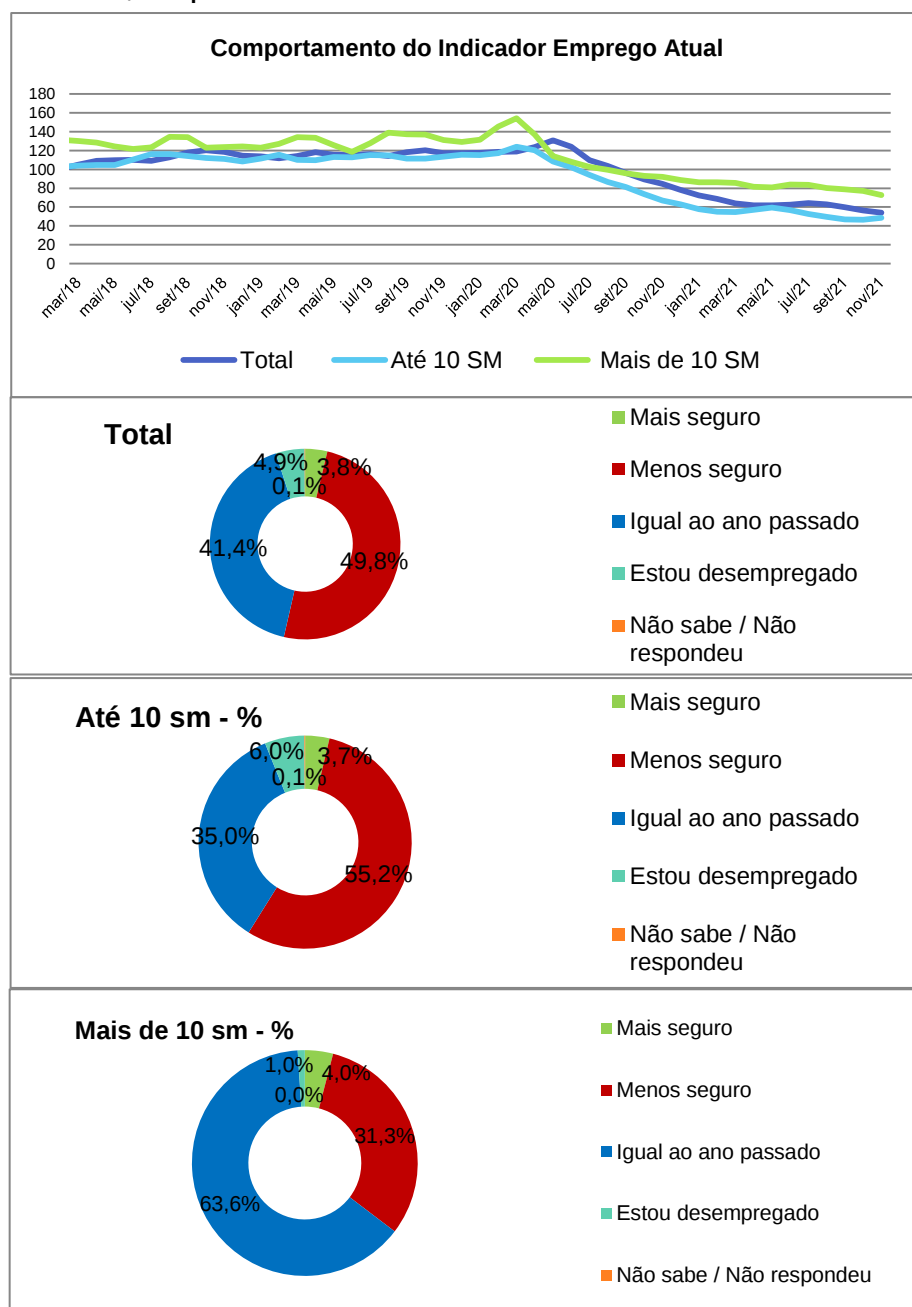
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa das famílias para o **Emprego Atual** interrompeu a trajetória negativa ao avançar 0,9% na comparação com outubro. O resultado positivo foi insuficiente para modificar a condição dos consumidores que persiste pessimista, ao situar-se em 53,9 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200. Ao analisar o mesmo período do ano anterior, o índice segue em tendência negativa de 25,66% e está 56,3% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020).

A recuperação no mercado de trabalho está refletindo na redução na quantidade de desempregados, que ocorre desde maio deste ano- naquele momento 10,49% dos entrevistados indicavam estar nessa situação, enquanto em novembro o resultado foi de 4,9%.

Muito embora o mercado formal de emprego no Estado apresente evolução consistente com a criação de mais de 176 mil novos postos de trabalho entre janeiro e setembro de 2021 e a taxa de desocupação tenha diminuído no 2º trimestre de 2021 (5,8%) em 0,4 pontos percentual

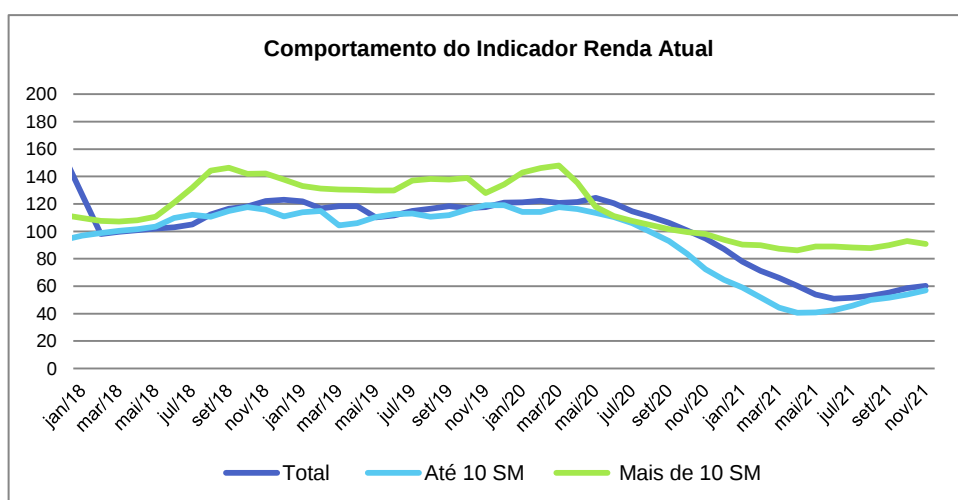
diante do trimestre imediatamente anterior (6,2%) a insegurança das famílias ainda é alta.



Nesse contexto, 49,8% dos entrevistados indicam que estão menos seguros na permanência do Emprego Atual. Na comparação anual, houve acréscimo de 6,2 p.p. em relação ao mesmo período do ano anterior (43,6%). Em novembro do ano passado, 16,1% dos entrevistados indicaram estar mais seguros com relação ao emprego, enquanto neste ano apenas 3,8% afirmam essa condição.

A insegurança das famílias quanto à manutenção do emprego é um indicativo da continuidade da crise e das incertezas sobre a manutenção da retomada econômica. Além disso, esse resultado pode ser reflexo do fim do programa de manutenção de emprego e renda do Governo Federal, que minimizou as perdas de postos de trabalho e garantiu renda para as famílias. Entre a primeira e segunda versão do benefício, foram alcançados cerca de 521 mil trabalhadores formais em 970 mil acordos realizados, conforme dados do Ministério da Economia de 21 de setembro de 2021. Do montante de acordos, 396.902 ou 40% estão relacionados à suspensão de contratos de trabalho, resultado que indica que o programa evitou parcela considerável de fechamento de postos de trabalho, mas que leva à insegurança das famílias.

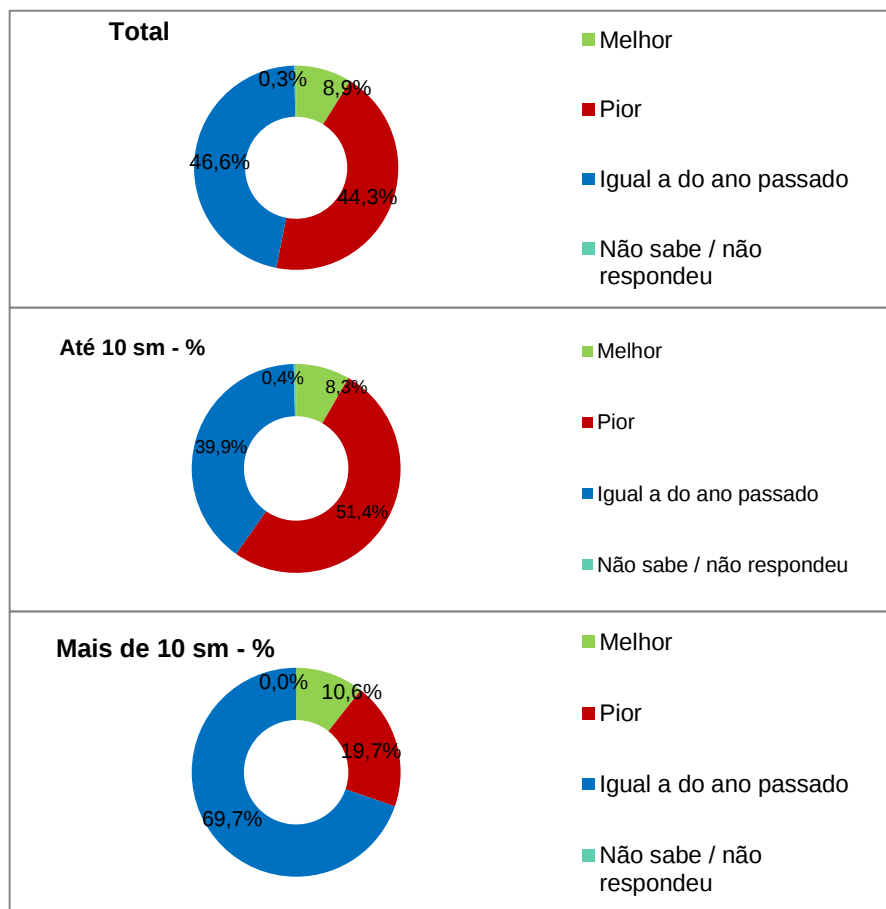
Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 48,5 pontos, aumento de 4,24% frente ao mês anterior, cessando o movimento de queda que permanecia desde junho de 2021. Do lado oposto, o ritmo das faixas acima de 10 SM está em ciclo de redução ao cair 5,88% na passagem do mês, quinta queda seguida. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (63,6%) para a permanência no emprego atual, enquanto 55,2% com renda menor afirmam estar menos seguros.



O indicador da **Renda Atual** consolida movimento positivo com alta de 3,1% frente a outubro, sétimo crescimento consecutivo, entretanto, essa trajetória ainda não foi suficiente para reverter o patamar pessimista do índice (62,7 pontos). No comparativo anual, o indicador apresenta queda de 17,29% e está 46,8% abaixo do nível pré-pandemia. A criação dos postos de trabalho reforça a renda das famílias catarinenses, mas, observa-se que o avanço da renda não está sendo revertido na ampliação do consumo atual, que sofre reduções

sucessivas. Essa condição está associada às pressões inflacionárias, que não apresenta sinais de desaceleração em outubro de acordo com a taxa oficial de inflação (IPCA), ao avançar 1,25%, após variação de 1,16% no mês anterior. Esse resultado é o maior patamar para igual período desde 2002 (1,31%). No acumulado de 12 meses a inflação acelerou e chegou a 10,67%, maior patamar em 18 anos (13,98% - 2003) na comparação com igual período. No ano, o IPCA acumula alta de 8,24%. Ambos os resultados infringiram o limite máximo da meta de inflação definida para o ano de 2021 que foi de 3,75%, com margem de tolerância de 1,5 pontos percentuais, para mais ou para menos. Portanto, mesmo com a ampliação da renda, a inflação alta reduz o poder de compra e retarda o processo de retomada econômica.

Esse cenário da renda é reforçado nas pesquisas realizadas pela entidade sobre a situação financeira das famílias, que apontam melhora no decorrer de 2021 ao comparar com o ano anterior, passando a refletir o movimento de retomada das atividades econômicas. Na pesquisa para a Black Friday, 40,4% dos entrevistados informaram ter situação financeira melhor que do ano anterior e 40,8% situação equivalente. Já 18,8% afirmam que a situação piorou, esse é o menor patamar registrado neste ano ao comparar com as demais pesquisas realizadas (Páscoa 43,1%; Dia das Mães 35,35%; Dia dos Namorados 25,60%; Dia dos Pais 29,0% e Dia das Crianças 23,3%). Além disso, as avaliações das



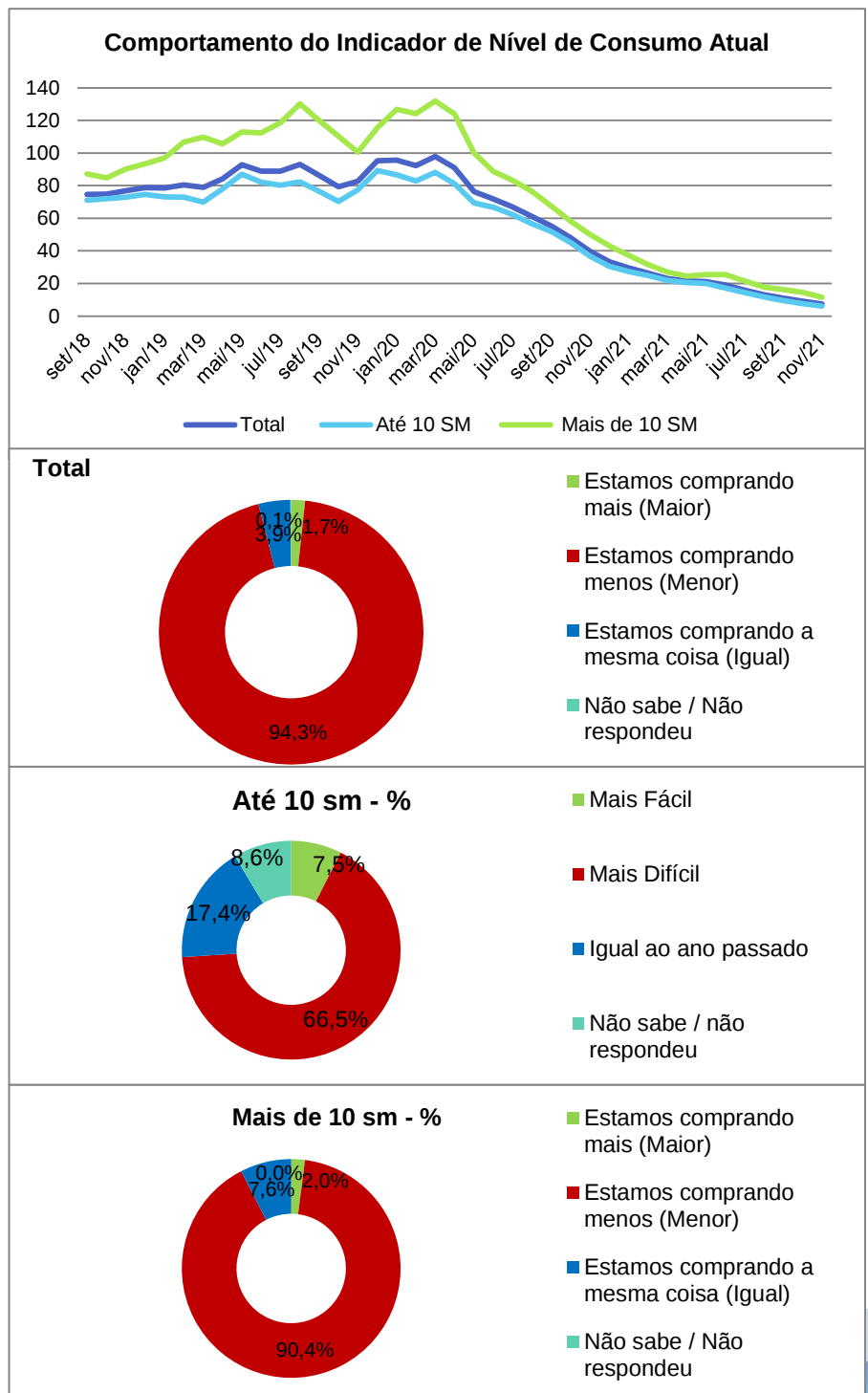
famílias demonstraram que a maioria (44,3%) considerou a renda pior do que no ano passado, diante de 46,1% em outubro, 48,1% em setembro e 50,3% em agosto.

Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 69,7% das famílias com renda maior, que afirmam ter renda equivalente ao ano anterior, enquanto a renda maior 51,4% indica piora.

CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** é o componente com maior impacto negativo do ICF com perdas no comparativo anual de igual período de 81,42% e 92,0% diante de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). Além disso, segue trajetória de queda ao renovar a mínima histórica pelo décimo quarto mês consecutivo ao atingir 7,4 pontos. Na passagem do mês, o indicador acelerou a queda ao reduzir 19,96%, após cair 16,2% no mês anterior, 16,1% em setembro e 17,9% em agosto. O movimento se mantém numa velocidade extremamente preocupante e completa o 20º mês seguido em cenário negativo, inclusive a média de 2021 alcança -12,7% e é superior ao resultado em igual período do ano anterior (-7,4%).

É interessante analisar que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também renovaram o menor nível da série histórica neste mês em termos absolutos, alcançando 6,1 pontos na



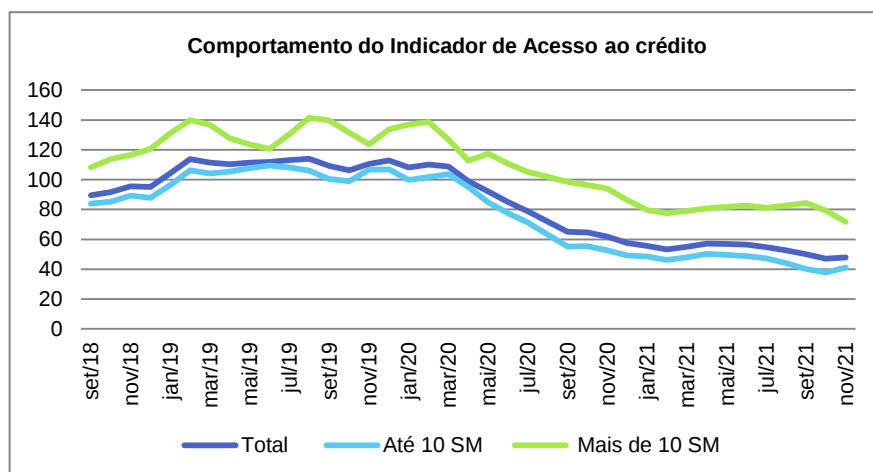
menor renda e 11,6 pontos na maior.

Na evolução mensal média dos últimos 12 meses o nível de consumo para a faixa de renda de até 10 SM apresentou variação de -13,7%, enquanto para as faixas maiores a evolução foi de -11,2%. Em termos de pontos, as faixas superiores de renda mantiveram-se em nível sustentadamente maior do que as faixas menores, movimento predominante que deve estar associado à precaução e represamento, com constituição de reservas em poupança e investimentos.

A aceleração na deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 94,32% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes, aumento de 1,4 p.p comparada ao mês anterior (92,9%) e apenas 1,7% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação com novembro de 2020, onde 70,3% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 9,9% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é equivalente para ambos os grupos. São 90,4% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 95,5% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam menos compras. A queda no consumo está relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra dos consumidores. Esse resultado é preocupante e indica que a retomada econômica pode ser freada se a intenção foi confirmada, situação que pode ser verificada na queda do volume de vendas do comércio varejista de Santa Catarina de agosto (-10,3%) e setembro (-3,6%). Em setembro, o efeito negativo aconteceu também em nível nacional (-1,3%) e em 25 unidades da federação, sendo que o Estado catarinense teve a segunda maior queda. A desaceleração das atividades na maioria dos Estados mostra que os choques de preços estão afetando o poder de compra dos consumidores e famílias do país. Em Santa Catarina, pesquisa realizada pela entidade em outubro, apontou que 88,4% dos consumidores estão buscando alternativas para diminuir esse impacto, sendo que 38% estão reduzindo a compra de algum produto ou item, situação que afeta e reduz o volume de vendas no comércio.

O componente de **Acesso ao Crédito** estava em ciclo negativo desde maio de 2021, que coincide com o período de elevação da taxa de mercado. Esse resultado levou o indicador em termo absoluto a atingir

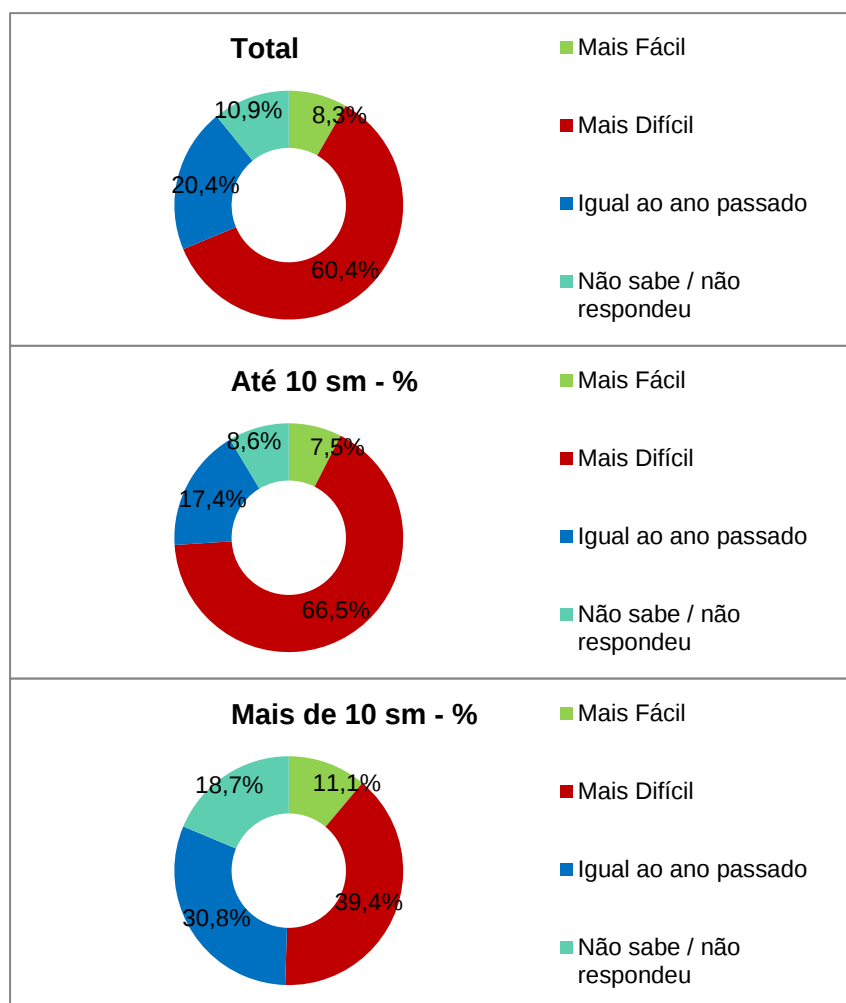


o menor patamar da série histórica da pesquisa no mês anterior (47,1 pontos), entretanto, a trajetória foi cessada em novembro com o crescimento de 1,7%. O resultado do mês não possibilita identificar mudança de tendência do indicador que permanece indicando perspectiva negativa das famílias para o acesso ao crédito ao situar-se em 47,9 pontos.

No comparativo anual a tendência negativa é mantida, com queda de 22,6% em relação ao ano anterior e o índice está a 56,5% do patamar pré-crise, o segundo mais impactado dentre os componentes do ICF. O cenário de dificuldades do crédito está atrelado ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março deste ano, que resultou na elevação da taxa de 2,0% para 7,75% ao ano, acréscimo de 5,75 p.p. em um intervalo de oito meses. Em ata da reunião de outubro, o Comitê de Política Monetária (Copom) antevê nova alta em igual magnitude para a próxima reunião marcada para início de dezembro, assim, a SELIC pode fechar o ano em 9,25%. No âmbito das expectativas de mercado, o aperto monetário deve ser intensificado até atingir ao final do exercício 9,25% e para 2022 a expectativa é de 11,25% a.a.

A SELIC baliza as taxas de juros praticadas em empréstimos ou financiamentos, assim os ajustes realizados interferem diretamente no mercado de crédito. Apesar da alta ocorrer desde março, às taxas de mercado levam um período mais longo para se adaptarem ao novo cenário, mas já é possível perceber a trajetória de crescimento na taxa de juros das operações de crédito (Total), que passou de 20,09% em janeiro deste ano para 23,21% em outubro.

A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil teve leve redução de 1,2 p.p na passagem do mês, alcançando em novembro 60,4% dos entrevistados, perante 61,6% em outubro, 59,8% em setembro e 57,8% em agosto. Ao comparar com igual período de 2020 (55,9%),



houve avanço de 4,5 p.p - essa proporção mais elevada pode ser reflexo da diminuição de linhas de crédito, restrições financeiras, falta de garantias ou da ampliação dos juros.

Considerando o recorte de faixa de renda, as famílias com renda superior a 10 SM ultrapassaram em setembro/2020 o limiar que passa a considerar desfavorável o acesso ao crédito e a partir de novembro converge com a tendência das famílias com faixas abaixo de 10 SM. Na média da variação mensal em 12 meses, os grupos de renda são divergentes na proporção em termos absolutos (41,0 pontos para até 10 SM e 71,7 pontos acima de 10 SM), mas similar no movimento de diminuição, com queda de 1,9% (até 10 SM) e - 2,1% (acima de 10 SM).

O **momento para duráveis** acelerou o movimento de queda no mês de novembro, ao cair 3,3%,

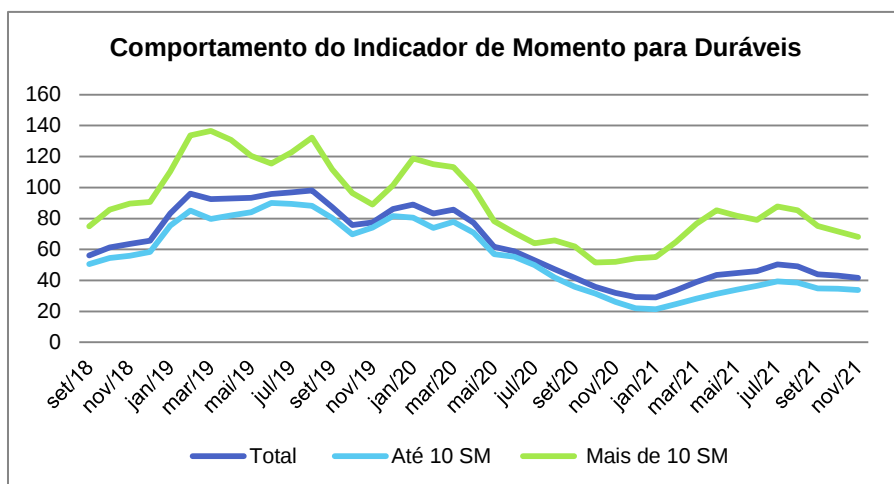
após queda de 2,1% no mês anterior. Essa é a quarta queda consecutiva depois do movimento de alta que se mantinha por seis meses seguidos (entre fevereiro e junho deste ano). Essa situação foi reforçada em pesquisa realizada pela entidade no mês de agosto de 2021,

que trata sobre o comportamento do consumidor catarinense para a realização de grandes compras, como carro, imóveis, moto, dentre outros. Dentre os entrevistados, 79,2% indicaram cautela ao afirmar que não pretendem adquirir algum desses produtos para os próximos seis meses.

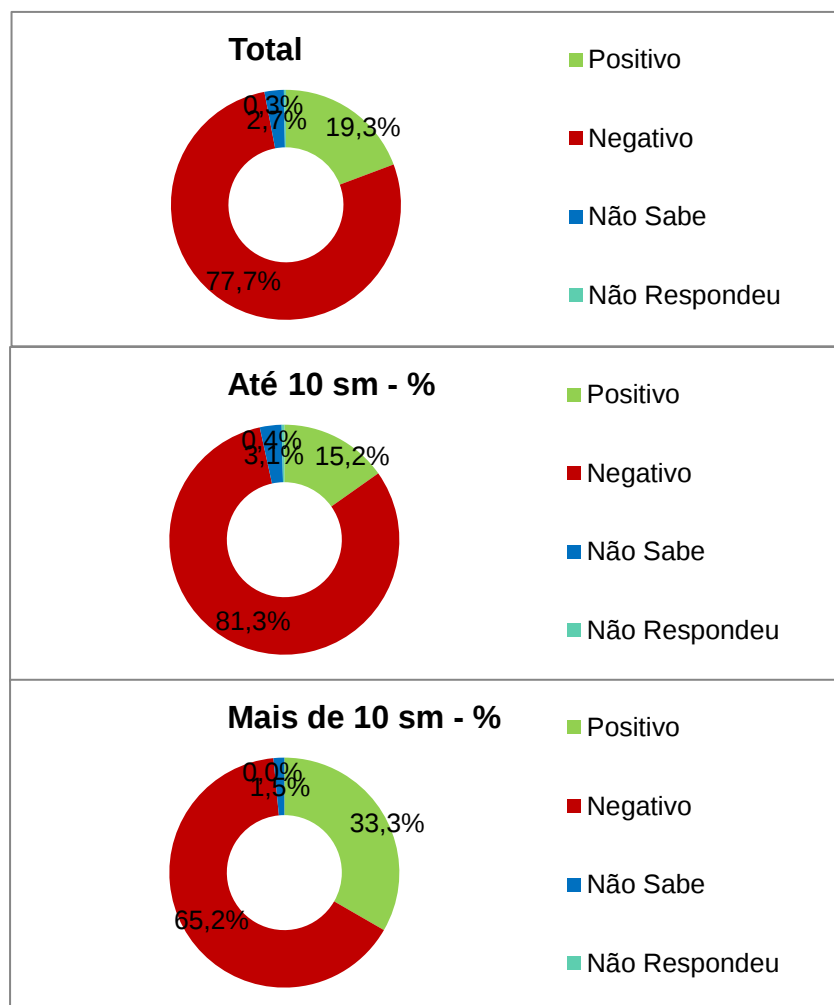
Apesar da trajetória negativa, o componente permanece com variação positiva (3,6%) na média mensal do ano de 2021, minimizando as perdas ocorridas nos meses anteriores. Ainda, o indicador momento para duráveis é o componente do ICF que mais reverteu à perda em relação ao ano anterior para igual período, situação que tinha sido alcançada no mês de agosto, mas acelerada para 29,84% em novembro.

Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 60 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. O indicador está atualmente em 41,6 pontos, após atingir a baixa recorde de 29,0 pontos em janeiro de 2021, considerando a série histórica iniciada em 2010. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos.

Com relação às faixas de renda, o impacto da pandemia ocorreu inicialmente de maneira mais intensa sobre as faixas de renda mais altas, que



até março de 2020 se encontravam em patamar considerado favorável (acima de 110 pontos) e tiveram reversão de tendência, passando a indicar patamares abaixo dos 100 pontos. Entretanto, as famílias com faixa de renda de até 10 SM já enfrentavam tendência negativa para o consumo de duráveis desde dezembro de 2016, momento em que o nível de pontos estava acima dos 100. A trajetória negativa do componente total também é apresentada nos grupos de faixas de rendas desde agosto do ano corrente. No mês, o grupo de renda menor caiu 2,4% e situou-se a 33,9 pontos, já o grupo de maior renda, apesar de estar em termos absolutos em nível mais elevado (68,2 pontos), sofreu queda mais acentuada (-4,9%).

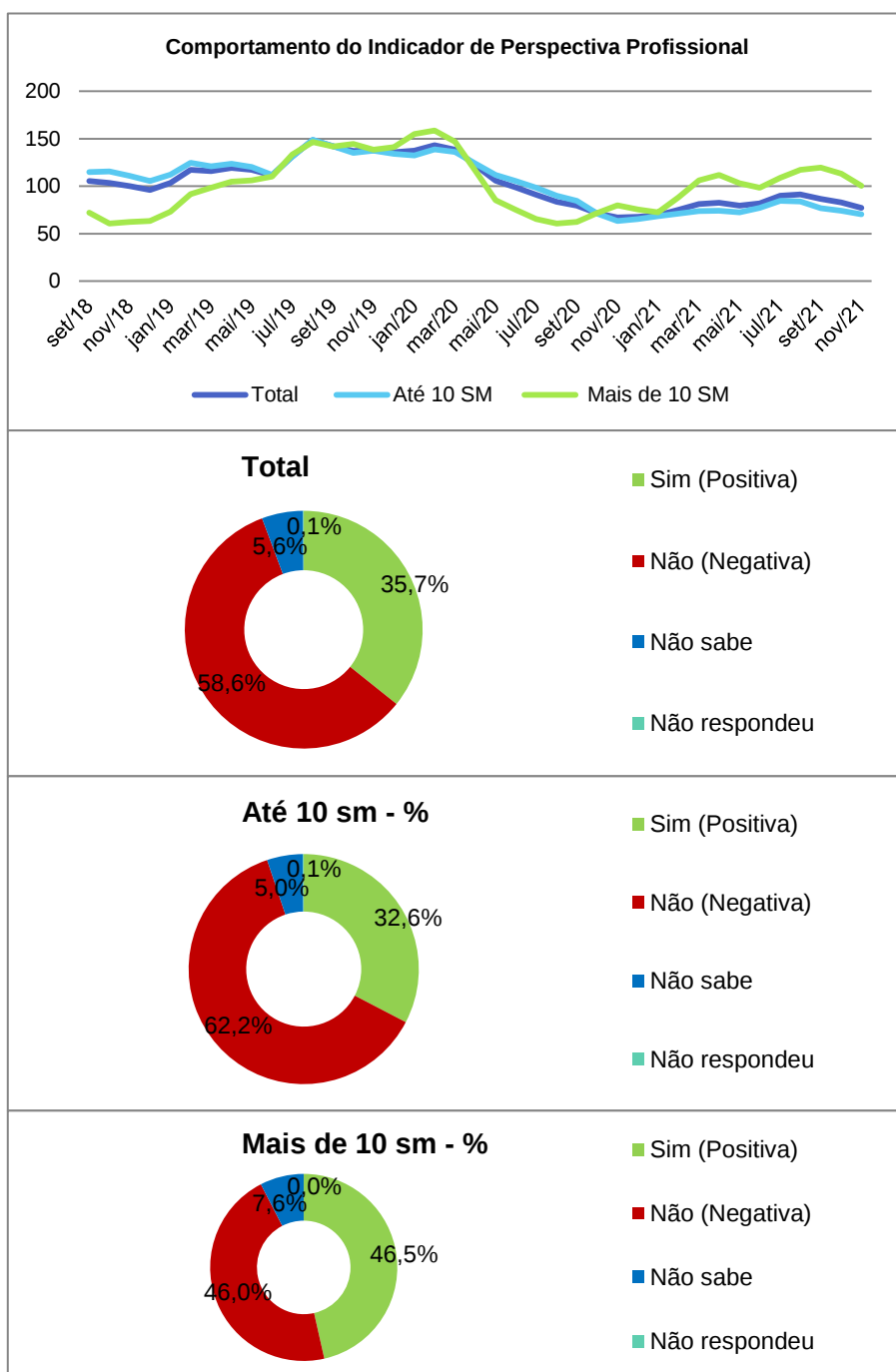


A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 77,7%, próximo ao 76,9% observados no mês anterior. A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 19,3%. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda.

PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

O indicador de **perspectiva profissional** para os próximos seis meses está em trajetória de redução desde setembro de 2021 e na passagem do mês o movimento foi acelerado, ao reduzir 6,8%, depois de cair 4,2% em outubro. Além disso, o resultado do mês foi a segunda maior queda dentre os componentes do ICF. A diminuição não foi suficiente para reverter o movimento positivo do ano, assim o índice acompanha os componentes momento para duráveis (+3,6%) e a Perspectiva para o consumo (+0,5%), como os únicos indicadores com média de variação mensal positiva em 2021, de 1,4%. No comparativo anual, permanece em tendência de crescimento, patamar alcançado no mês de agosto e depois de 15 meses consecutivos de quedas - assim o índice apresenta crescimento de 15,02%.

Importante notar que mesmo com a retomada mensal positiva, em termos de valor absoluto, o indicador encontra-se em nível de percepção pessimista (77,2 pontos). Esse movimento de variação negativa é um sinal de cautela das famílias, sobretudo, em relação ao comportamento da economia em



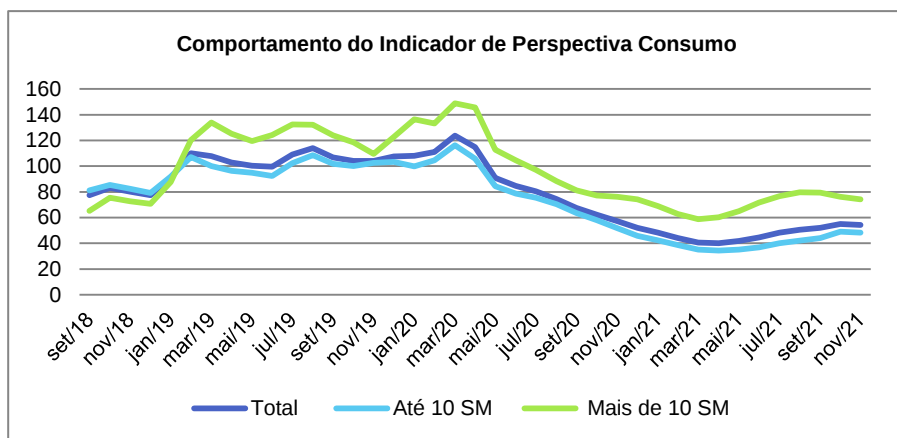
2022. A expectativa do crescimento do PIB para 2022 está sendo reajustada durante as últimas oito semanas pelo mercado, passando de 2,0% para 0,58%, conforme relatório Focus de 26 de novembro de 2021. A desaceleração das atividades econômicas é observada no índice de atividade econômica regional calculada pelo BACEN para Santa Catarina, com queda de 0,88% em setembro e -0,25% em agosto de 2021.

A maior parcela das famílias (58,6%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em novembro de 2021, enquanto este valor foi de 56,1% no mês anterior e de 63,0% em igual período de 2020. Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início da crise da pandemia, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). Após reverter o patamar de confiança no mês de julho de 2021 ao ultrapassar 100 pontos, o índice sofreu forte queda na passagem do mês 11,2, a segunda consecutiva, entretanto, o índice segue em patamar otimista ao situar-se em 100,5 pontos.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao encerrar novembro em 70,4 pontos, queda de 4,9% frente ao mês anterior. Nessa faixa de renda menor, 62,2% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 46,5% indicam perspectiva positiva.

A **perspectiva de consumo** interrompeu movimento positivo que permanecia desde maio de 2021, ao cair 1,7% na passagem do mês. Esse movimento dos meses anteriores foi insuficiente para reverter o nível de confiança das famílias, que segue negativo, ao situar-se em 54,2 pontos em novembro. Ainda, o resultado do mês ainda não pode ser observado como uma mudança de trajetória, mas eleva os riscos de deterioração do quadro do consumo das famílias, já que a perspectiva futura estava minimizando quedas maiores do ICF.

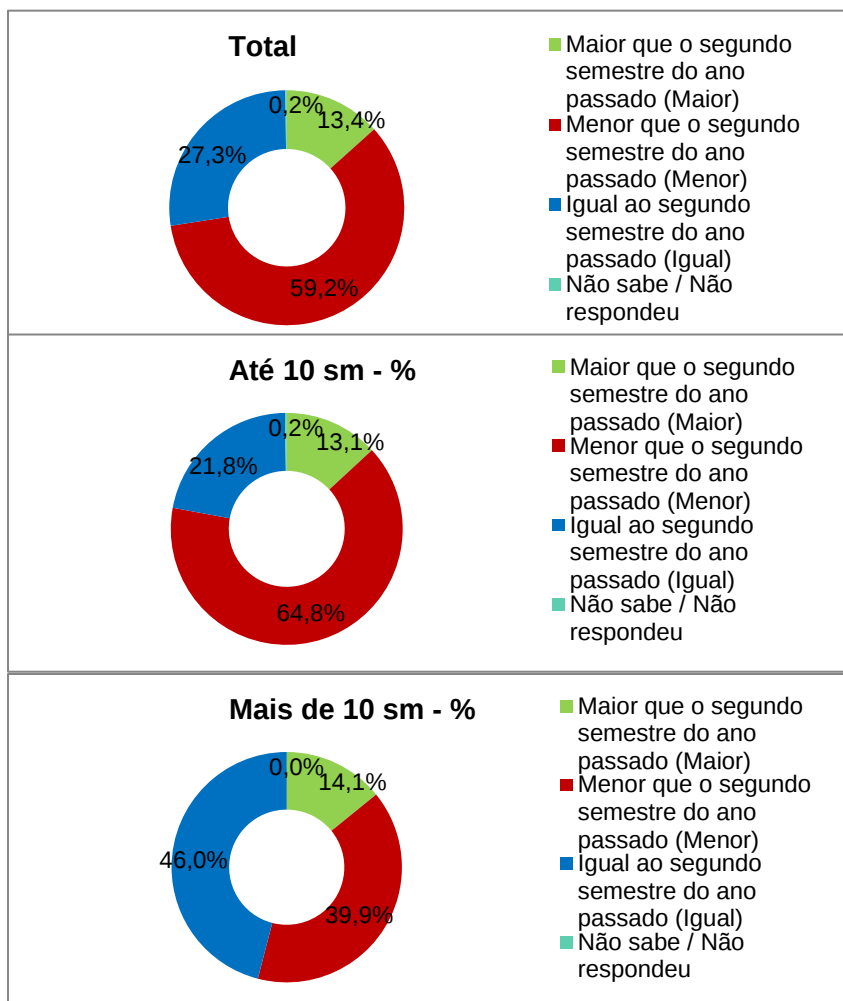
Outro ponto de destaque é que o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a movimento pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de



2014. Além disso, o índice está 51,2% menor que o período pré-pandemia, resultado que mostra que os impactos e as incertezas persistem. Soma-se a isso, a convergência do movimento de queda entre o consumo atual e a perspectiva.

Por outro lado, é importante notar que a aceleração das perdas nos níveis atuais de consumo apresenta uma divergência entre as perspectivas. Os resultados mostram que as perspectivas se encontram em patamar superior ao nível atual de consumo, sendo assim, pode resultar em uma melhora dos níveis atuais na medida em que tais perspectivas menos negativas se concretizem e passarem a reverter sua variação negativa.

Para 59,2% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes serão menores, valor superior ao apresentado no mês anterior (58,2%). Com relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 64,8% das famílias têm previsão de consumo menor para os próximos meses.



METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido "p" por, no

máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiamplicitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.